Iugoslávia, uma constelação cultural

Aleksandar Jovanović

O objetivo do presente trabalho é apresentar – de maneira sintética mas abrangente – “algumas” linhas-mestras da cultura iugoslava, inclusive sob a perspectiva da literatura, sem que os eventos de caráter histórico constituam um pano de fundo de contornos esmaecidos. Em assim sendo, este artigo possui estrutura policêntrica, exatamente em função dos diversos níveis e aspectos envolvidos.

É preciso advertir, de antemão, para o fato de que uma sistematização é tarefa desafiadora, sobretudo quando se trata de um país de cultura polimorfe, de uma nação plurilingüística e pluriétnica, onde muitos dos fatos que estão desfilando (em velocidade supersonica) nos palcos político, econômico, cultural ou das relações interétnicas têm raízes históricas milenares. Estão, inclusive, entretecidas pelos fios trágicos que conferem à Europa Centro-Oriental um perfil tão peculiar e complexo. A Iugoslávia, por seu turno, não deixa de ser uma síntese dialética da unidade na diversidade e da diversidade no uno.

CENA HISTÓRICA I

Os recentes acontecimentos desenrolados na província de Kosovo, isto é, conflitos entre iugoslavos de etnia albanesa (mulçumanos e não-eslavos) e iugoslavos de etnia sérvia (eslavos e cristãos ortodoxos) exigem um mergulho imediato na longa história do país e na intrincada composição étnica. Sem isto, torna-se impossível entender os fatos, que também pedem a tentativa de perscrutar o olhar bifronte – voltado para o Ocidente e para o Oriente – com que essa nação vem testemunhando a história, há mais de um milênio e meio.

A reunificação das terras iugoslavas ocorreu após a Primeira Guerra Mundial, em 1918, como resultado da criação do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, sob a dinastia dos Karadjordjevići. Assim, os antigos reinos do Montenegro e Sérvia (independentes) reuniram-se aos territórios que ficaram ora sob ocupação austríaca e austro-húngara (Eslovênia, Croácia, Eslavônia, Vojvodina, Dalmácia), ora sob jugo otomano (Macedônia e Bósnia). A Bósnia merece observação à parte: até 1878, data do Congresso de Berlim, estava ocupada pelo Império Otomano; a partir desse momento foi anexada pela Áustria-Hungria. Em 1929, o rei Aleksandar I muda a denominação do país para Iugoslávia (Eslávia do Sul) e implanta a ditadura, através de um golpe de estado⁽¹⁾.

O longo processo de unificação – truncado dezenas de vezes – acabava enformado num projeto que viria a sofrer novos e sérios reveses, antes e durante a Segunda Guerra Mundial. Antes do conflito de 1939, em função da política interna estrábica da dinastia dos Karadjordjevići. Durante o conflito, porque o processo de ocupação e despedaçamento territoriais promoveu um sangrento fratricídio sem precedentes. De um lado, estava o estado-tampão da Croácia, colocado a serviço do III Reich hitlerista, tendo à frente indivíduos como Ante Pavelić, Andrija Artuković ou Slavko Kvaternik, um esta-

ALEKSANDAR JOVANOVIĆ é professor de Lingüística da Faculdade de Educação da USP, organizador de “Osso a osso” (Editora Perspectiva), coletânea de poemas do poeta iugoslavo Vasko Popa, e tradutor de “Paisagem pintada com chá”, de Milorad Pavić (a sair pela Editora Companhia das Letras).

¹ É importante notar que o golpe de 6 de janeiro de 1929 passava uma borraça na Constituição de 28 de junho de 1921, que já continha todos os ingredientes de dissensões que não tardariam a aflorar, porque se inspirava na idéia do “nacionalismo unitarista” e num parlamentarismo limitado. Em 3 de setembro de 1931, o monarca iugoslavo oferecia uma Constituição outorgada, em que mantinha a idéia unitarista e concentrava poder nas mãos da burguesia sérvia. A este respeito, vide: *Državopravni razvitak Jugoslavije*, Ferdo Čulinović. Zagreb, pravni fakultet u Zagrebu, 1981, p. 156 e ss.

2 A tese do "separatismo croata", coroadado com a "criação" do estado-tampão da Croácia, em 1941, resultava da combinação de diversos fatores. Durante o processo de retalhamento territorial da Iugoslávia, havia evidente interesse dos países do Eixo em desmembrar o território iugoslavo, causa que foi servida, fielmente, pelo pequeno grupo político exilado, comandado por Ante Pavelić que, durante muitos anos, obteve abrigo e financiamento na Itália de Mussolini. Dentre os fatores internos, cabe citar o aguçamento da chamada "questão croata", resultado do nacionalismo unitarista implantado pelo regime da dinastia dos Karadjordjevići. Vide: *Okupatorska podjela Jugoslavije*, Ferdo Čulnović, Beograd, Vojnoizdavački zavod, 1970, p. 191 e ss.

3 *Okupatorska podjela Jugoslavije*, Ferdo Čulnović, p. 326.

4 Em linhas gerais, cabe observar que, no final do século passado, quando o processo de húngarização foi acelerado pelo regime dos Habsburgos na Croácia, formou-se o Partido Popular, de inspiração nacionalista e democrática. Mais tarde, Josip Frank, um agente austríaco, começou a propagar a tese referente à origem germânica (sic) dos croatas e a disseminar o ódio aos sérvios. Em 1902, os partidários de Frank chegaram a fazer violentas manifestações anti-sérvias nas ruas de Zagreb. Os "teóricos" do estado-tampão da Croácia inspiraram-se nas "teses" absurdas de Frank. A este respeito: *Okupatorska podjela Jugoslavije*, Ferdo Čulnović, p. 325. Ver também: *Hrvatska književnost*, Miroslav Štrelac, Zagreb, Školska knjiga, 1982, p. 78.

5 "Iazykoznanie i etnogenéza Slavlán. Drévnle Slavlánle po dannym Etimológii i Onomástiki", O.N. Trubatchóv, In *Voprósy Iazykoznaníia*, Moskva, Izd-vo Naúka: nº 4, 1982, pp. 10-26; nº 5, 1982, pp. 3-17; nº 2, 1984, pp. 15-30; nº 4, 1982, pp. 10-26; nº 5, 1982, pp. 3-17; nº 2, 1984, pp. 15-30; nº 3, 1984, pp. 18-39; nº 4, 1985, pp. 3-17; nº 5, 1985, pp. 3-34.

6 *Državopravni razvitak Jugoslavije*, Ferdo Čulnović, p. 14.

do-fantasma que promoveu a execução de 700 mil vítimas, no campo de concentração de Jasenovac, vítimas cujo único crime – mas imperdoável – residia no fato de professarem outra fé religiosa ou não se enquadrarem nos critérios raciais do subproduto nazista que o Estado Independente da Croácia representava⁽²⁾. Cabe, aliás, ressaltar que a servilidade desse estado aos desígnios do III Reich chegava ao ponto absurdo de Ante Pavelić, "governante" do estado-*quisling*, declarar a Adolf Hitler, em 7 de junho de 1941, que "os croatas sequer eram eslavos, mas descendentes dos godos (sic)"⁽³⁾.

Com efeito, as raízes históricas do chamado "separatismo croata" remontam ao século passado⁽⁴⁾, mas não há espaço, aqui, para discuti-lo em pormenores. Deve aduzir-se, porém, outro item ao efervescente caldeirão relativo à ocupação e retalhamento territoriais: a Iugoslávia mergulhou, paralelamente à ocupação por tropas do eixo, numa guerra civil que colocou frente a frente os *ustashi* (defensores do estado-tampão da Croácia) e os *četnici* (sérvios) que, inicialmente, pretendiam representar o governo real (exilado em Londres...) e, mais tarde, aliaram-se às tropas alemãs, na tentativa de massacrar a Resistência iugoslava, comandada por Josip Broz Tito. Na Sérvia, ocupada pela Alemanha, o general Milan Nedić, do Exército Real, tornou-se o chefe de outro estado-fantasma e policialesco, que colaborava abertamente com os ocupantes.

Em 1943, o Conselho Antifascista de Libertação Nacional, capitaneado pela Resistência titofista, proclama a República, implementada depois de 1945. Tito implanta um modelo socialista centralizado, inspirado na Terceira Internacional. Contudo, em 1948, a Iugoslávia rompe com o dogma do "socialismo real", diverge de Stalin e o país acaba sendo expulso do Cominform. Iniciava-se um novo período, em que a Iugoslávia passaria a realizar profundas reformas no âmbito interno, com a conseqüente descentralização do eixo das decisões econômicas, políticas e sociais. Isso resultou num modelo peculiar de autogestão. Concomitantemente, a descentralização significava autonomia maior concedida às seis repúblicas e duas províncias autônomas (respectivamente, Macedônia, Eslovênia, Montenegro, Croácia, Sérvia, Bósnia-Herzegovina, Vojvodina e Kosovo).

O modelo de socialismo independente, não-alinhado, solucionou grande parte dos problemas verificados no período entre-guerras, sobretudo a questão das nacionalidades, que passaram a gozar de direitos absolutamente iguais. Mas é claro que o longo passado histórico de cada formação étnica continua presente na busca do reforço à identidade rejeitada pelas potências européias, durante séculos. Daí a existência de alguns conflitos políticos entre as repúblicas que, em certos casos, abrigam etnias "ligeiramente distintas" e, em outros, etnias acentuadamente diferentes. A quase completa autonomia de que as repúblicas passaram a gozar – em detrimento do poder do governo central – transformou-se, por vezes, no estopim de rivalidades políticas e no culto às "diferenças" que demarcam cada grupo eslavo que compõe o país.

Uma última observação imperiosa: dos 24 milhões de iugoslavos, quase 22 milhões são eslavos (eslovenos e croatas, católicos; montenegrinos, macedônios e sérvios, ortodoxos; minorias eslavas islamizadas). Outro 1,7 milhão de iugoslavos é de raça albanesa. Há 400 mil iugoslavos de etnia húngara (não-eslavos, católicos ou protestantes), minorias de outros eslavos (eslovacos, ucranianos), romenos, arromenos, etc.

CENA HISTÓRICA II

Os eslavos, ingressam no cenário histórico, segundo fontes tradicionalmente aceitas, por volta dos séculos IV e V d.C., passando a ocupar extensas faixas territoriais que se estendiam das estepes ucranianas ao Mar Báltico, dos cursos dos rios Oder e Elba aos mares Egeu e Adriático. A penetração dos eslavos na Península Balcânica pode ter ocorrido no mesmo período. Contudo, o lingüista soviético O. N. Trubatchóv⁽⁵⁾ contesta as teses habitualmente aceitas e afirma, numa longa série de estudos, que dado stoponímicos, etnonímicos e lingüísticos afiançam a presença eslava na Europa Central e nos Bálcãs inclusive no período anterior à nossa era.

De qualquer modo, no século VI d.C. tem-se registro da existência de um incipiente estado eslavo no Alpes. Devia ser a organização dos eslovenos. Outras tribos atravessavam os Cárpatos, a planície húngara, o curso do Danúbio, fixando-se nos vales formados pelo rio Morava. No século VIII, havia um estado eslavo – *Raška* – no sul da Iugoslávia atual: era o incipiente estado dos sérvios⁽⁶⁾. Um terceiro fluxo de população transpõe o Danúbio, estabelece-se ao longo do curso do rio Sava e desce até o litoral do Mar Adriático: em 852 d.C., Trpimir já se havia proclamado *dux Chroatorum*. Havia mais estados incipientes no território iugoslavo naquela época: diversas tribos chegavam

ao vale formado pelo rio Vardar, atingem Salônica, no Mar Egeu. Fontes bizantinas mencionam a existência de liga tribais de eslavos da Macedônia, no século VII, as *Sklaŭinia*⁷. Finalmente, formam-se pequenos estados no extremo sul do litoral (Montenegro atual) e na região hoje denominada Bósnia-Herzegovina.

O surgimento de pequenos estados eslavos independentes e, muitas vezes, efêmeros, atua à guisa de pano de fundo para o processo de fragmentação artificial da região em que se estabelecem populações que mantinham (e mantêm) indiscutíveis afinidades étnicas, culturais, sociais e lingüísticas. Não obstante essas afinidades, os ancestrais dos iugoslavos fixaram-se na região num momento de agudo confronto entre Bizâncio e o grande estado dos francos. No final do primeiro milênio, o estado dos francos acaba sendo substituído pelo Santo Império Romano-Germânico, mas o confronto com Bizâncio prosseguia.

Em 886 d.C., o incipiente estado croata sofre a primeira ameaça contundente, com a chegada das tribos húngaras, conduzidas por Árpád. O príncipe Tomislav consegue manter esse povo de origem asiática além do curso do Drava, aproveita-se da guerra entre Bizâncio e a Bulgária para aliar-se ao *basileus* grego. Em 1012, contudo, através da chamada *Pacta Conventa*, o rei húngaro Kálmán assume a coroa da Croácia e Dalmácia, ampliando suas possessões. A *Pacta Conventa* haveria de manter o destino de húngaros e croatas estreitamente ligado até o começo de nosso século. Ainda no século X, os eslavos da Macedônia conseguem constituir um estado efêmero, sob o reino de Samuil⁸. O conflito búlgaro-bizantino, entretanto, põe fim ao estado incipiente.

A Bósnia, que ocupa a parte central dos Bálcãs, não consegue manter estados independentes. No começo do século XII, em consequência do avanço magiar, os reis húngaros apossam-se da área. Na segunda metade do mesmo século, Manoel Comnênio restabelece o poderio militar bizantino e toma a Bósnia aos húngaros. Em 1200, o papa Inocêncio pede a intervenção do rei húngaro Imre, para combater as desordens sociais surgidas com a seita dos *bogomili*, considerada herética tanto em Roma quanto em Constantinopla. Em 1250, o rei húngaro Béla IV retoma a Bósnia.

Em 1165, o nobre sérvio Stefan Nemanja recebe de Bizâncio a incumbência de governar Zeta, no litoral do Adriático. Ele expande seu território até a fronteira atual da Bulgária com a Iugoslávia, avança ao longo da costa adriática e alia-se aos húngaros. Nemanja torna-se o fundador do grande reino sérvio da Idade Média: reforma e reorganiza o Estado e a Igreja. No século XIII, Stefan Dečanski derrota búlgaros e bizantinos, estendendo o reino de Sérvia até o Peloponeso. Em 1331, seu filho Dušan (que passa à história com o cognome de *Silni*, o Forte) amplia o reino, transformando-o num extenso império, que acaba derrotado pelos turcos otomanos em 1389, na batalha de Kosovo Polje. O desastre de 1389 põe fim ao grande império sérvio medieval e abre caminho para séculos de ocupação turca em toda a Península Balcânica.

A Macedônia perde toda e qualquer possibilidade de tornar-se independente, permanece sob jugo otomano e acaba dividida entre gregos, búlgaros e sérvios, vencedores das Guerras Balcânicas (1912-13)⁹. A Eslovênia fica na zona de influência dos Habsburgos até o fim da Primeira Guerra Mundial. A Croácia, Dalmácia, Eslovênia e Voivodina acabam sendo partilhadas por austríacos e húngaros até 1918.

No processo de resistência ao avanço otomano, no século XV, o nobre húngaro János Hunyadi tenta unir tropas húngaras e sérvias com as do lendário herói albanês Skander Beg (os albaneses ainda eram cristãos) para expulsar os invasores. Sofre derrota arrasadora, em 1448, em Kosovo Polje. Em 1526, a batalha de Mohács sela também a sorte dos húngaros, que vêem a população dizimada pelos turcos e o país dividido em três partes.

O deslocamento de populações, na Europa Central do século XVI, altera por completo a composição étnica de diversas regiões: metade da Hungria eslaviza-se¹⁰, com a presença cada vez mais incisiva de sérvios e croatas, que escapam ao domínio turco.

**No processo de resistência
ao avanço otomano, no
século XV, o nobre húngaro
János Hunyadi tenta unir
tropas húngaras e sérvias
com as do lendário herói
albanês Skander Beg para
expulsar os invasores.
Sofre derrota arrasadora,
em 1448, em Kosovo Polje.**

7 Os grandes problemas da história bizantina, Charles Diehl. Tradução de Frederico O. Pessoa de Barros. São Paulo, Ed. das Américas, 1961, p. 57 e ss.

8 Istorija na makedonskiot narod, Mihailo Apostolski et alii. Skopje, Izdavačko pretprijatlie Prosvetno Delo, 1972, p. 49 e ss.

9 As dissensões internas na Iugoslávia, no período anterior à Segunda Guerra Mundial, podem ser evidenciadas, inclusive, pelo fato de que o reino baseava-se na união de sérvios, croatas e eslovenos; os macedônios sequer eram considerados grupo étnico à parte, pois a tese grã-sérvia transformava-os em sérvios do Sul (sic) e a língua macedônia era considerada simples "dialeto" do servo-croata. O componente irônico e trágico que pode ser aduzido diz respeito às reivindicações búlgaras, antes e depois do conflito de 1939, que insistiam em transformar o idioma macedônio em dialeto do búlgaro e defendiam a tese de que "não há fundamento científico para comprovar a existência de um povo macedônio". Ver *Makedonien – kein Zankapfel, sondern Faktor der guten Nachbarschaft und Zusammenarbeit*, Tzola Dragolischewa. Sofia, Sofia Press, 1979, p. 11. A autora afirma, textualmente: *Die These von der makedonischen Nation ist vom historischen Gesichtspunkt aus eine politische und keine wissenschaftliche These, weil es keine wissenschaftlich begründeten Beweise für ihre Bestätigung gibt, aber auch weil sie gefährliche Folgen für die gute Nachbarschaft und den Frieden auf der Balkanhalbinsel nach sich ziehen kann.*

10 *Histoire de la Yougoslavie*, Marcel De Vos. Paris, PUF, 1965, p. 50.

Cada nova investida otomana provoca uma onda migratória de sérvios, de volta ao norte da Península e em direção à planície da antiga Panônia. Depois da Batalha de Viena (1690), que salva a Europa Ocidental do jugo asiático, dezenas de milhares de famílias sérvias, comandadas pelo patriarca ortodoxo Arsenije III Carnojević, começam uma penosa migração até a Hungria. No século XVIII, expressiva parcela da população da capital magiar e arredores era constituída de sérvios⁽¹¹⁾. Buda torna-se, assim, o mais importante centro cultural sérvio da época, com escolas, imprensa, igrejas e entidades culturais.

No final do século XVIII e começo do século XIX, o Império Otomano começa a experimentar os primeiros sinais de evidente decrepitude. A Rússia Imperial emerge como potência européia, depois das reformas de Pedro, o Grande (1672-1725), e também começa a interessar-se pelo destino (sic) dos eslavos balcânicos e por saídas pelo litoral do Adriático. Em direção oposta, os Habsburgos esforçam-se em converter as populações eslavas ortodoxas (sérvios) ao rito romano. Obtêm certo êxito no sul dos Cárpatas (Galécia e Volínia também), mas fracassam em relação aos sérvios. A guerra turco-austríaca (1788-91) obriga os otomanos a adotarem nova política com respeito aos cristãos de seus domínios. A população da Sérvia aproveita a oportunidade para retomar as insurreições em massa, com o propósito de libertar-se da presença estrangeira. O sucesso advém apenas em 1815, quando a derrota de Napoleão em Waterloo recompõe o jogo de forças político-militares na Europa e a Sérvia consegue restabelecer sua autonomia como estado. O Montenegro, também habitado por cristãos ortodoxos eslavos, continua como estado independente até 1918, quando passa a integrar o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos.

Estes são os traços superficiais que podem debuxar tão longo e conturbado período histórico em território iugoslavo. Buscamos abarcar o maior período possível, sem pormenorizações, para que o cenário histórico não se mostrasse com cores extremamente tênues.

O PLURALISMO LINGÜÍSTICO

Jocosamente, os iugoslavos costumam afirmar que a pluralidade do país pode ser medida em função da seguinte definição: dois alfabetos (cirílico e latino), três línguas

(esloveno, macedônio e servo-croata), quatro religiões (católicos, protestantes, ortodoxos e muçulmanos), cinco grupos eslavos (eslovenos, montenegrinos, croatas, sérvios e macedônios) e seis repúblicas federadas... De fato, como vimos, o caráter pluriétnico, plurilingüístico e pluricultural do país é acentuado. Examinemos, agora, a questão do pluralismo lingüístico. Três línguas eslavas são faladas na Iugoslávia: o servo-croata (língua materna de dois terços da população e idioma coloquial do país), o esloveno e o macedônio.

Portanto, o servo-croata é a língua materna das populações da Croácia, Montenegro, Bósnia, Sérvia, da maior parte dos habitantes da Província Autônoma da Vojvodina e de parcela dos habitantes da Província Autônoma de Kosovo. A exemplo do

esloveno e do macedônio, o servo-croata formou-se a partir dos falares das populações eslavas que penetraram nos Bálcãs após o esfacelamento da suposta comunidade proto-eslava. De qualquer modo, torna-se inviável falar sobre as diferenças que os dialetos eslavos apresentavam à época, por absoluta falta de testemunhos escritos. E, como lembra o lingüista iugoslavo Pavle Ivić⁽¹²⁾, tal lacuna obstaculiza, inclusive, a classificação de algumas inovações ocorridas nos falares eslavos, porque não se pode determinar se foram anteriores ou posteriores ao período das grandes migrações de povos.

Nas regiões em que prevaleceu a ortodoxia, o eslavo eclesiástico teve presença marcante como língua de prestígio, idioma literário e veículo ecumênico da Igreja⁽¹³⁾. Tal fato, contudo, não impediu o emprego do servo-croata em documentos, correspondência

Acima, capa do livro de Vuk Stefanović-Karadžić (1787-1864), publicado em 1836 na cidade montenegrina de Cetinje, que contém uma coletânea de provérbios de língua servo-croata; à direita, o autor

Arquivo Aleksandar Jovanović

diplomática, registros, etc. Assim, ainda hoje, o alfabeto cirílico continua sendo adotado nessas regiões (Montenegro, parte da Bósnia-Herzegovina, Sérvia e províncias do Kosovo e Vojvodina) e na Macedônia. Nas regiões em que predominou o catolicismo (Croácia, Dalmácia, Eslovênia e parte da Bósnia), o latim acabou sendo empregado também como idioma literário e litúrgico, tendo sido adotado o alfabeto latino. Toda a literatura renascentista da costa iugoslava, a partir do século XVI, é redigida em alfabeto latino e em diversos dialetos da língua popular⁽¹⁴⁾. Deste modo, a evolução da literaturas da Croácia e Sérvia apresenta peculiaridades. Desde o príncipe e escritor Rastko Nemanja (1175-1235), mais conhecido como São Sava, no século XII, até o século XVIII, há uma vasta literatura redigida em eslavão eclesiástico em território sérvio. No século XVIII, surge ainda o *slavenosrpski* (vernáculo, com elementos da recensão russa do eslavão eclesiástico). Também se desenvolve uma literatura em servo-croata, a começar do século XVI, redigida no dialeto *kajkavski* (norte da Croácia, Eslovênia), que se conserva até o século passado⁽¹⁵⁾.

Verifica-se, pois, que à fragmentação territorial correspondia uma fragmentação lingüística. No século passado, ocorre um grande movimento de renascimento cultural nas terras iugoslavas, com matizes ligeiramente distintos na Croácia e na Sérvia⁽¹⁶⁾. O Ilirismo floresce na Croácia e em todo o litoral adriático, acalentando o sonho da criação da "Grande Ilíria", que abarcaria não somente todas as terras habitadas por eslavos, nos Bálcãs, mas também a Albânia. Nesse palco, o papel de Ljudevit Gaj (1809-72) desempenha função excepcional, porque ele consegue reformar a ortografia latina do servo-croata, em 1830, colocando fim a uma situação inusitada em que havia necessidade de defrontar-se com sete espécies de normas (?) ortográficas. Em 1835, Gaj dá outro passo importante, ao iniciar a publicação do jornal *Novine Hrvatske*. Os números iniciais são escritos no dialeto *kajkavski* mas, a partir de 1836, ele opta pelo dialeto *štokavski*, falado pela maioria esmagadora da população. Tal fato consubstancia-se no passo fundamental para o acordo ortográfico de 1850, assinado em Viena, sacramentando a reforma lingüística modelada por Vuk Stefanović Karadžić (1787-1864).

Enquanto isso, na Eslovênia, depois da publicação da gramática do esloveno, de Jernej Kopitar (1780-1844), no início do século passado, e com a publicação das obras do poeta France Prešern (1800-49), acontece a separação do servo-croata e do esloveno, em caráter definitivo. Ambas tornam-se línguas literárias independentes – cada qual baseada em certos falares –, a despeito da estreita zona de transição entre diversos dialetos. Karadžić, por sua vez, lingüista, tradutor e etnógrafo, amigo pessoal de Goethe e dos irmãos Grimm, conclui que dos três grupos dialetais do servo-croata – *kajkavski*, *štokavski* e *čakavski* – o segundo é o que apresenta maior número de falantes e o adota como norma literária. Havia outra dificuldade a ser superada para o estabelecimento de uma norma absolutamente supradialetal: o dialeto *štokavski* subdivide-se em, pelo menos, dois outros grandes grupos: o *jekavski* e o *ekavski*. O primeiro é falado em Montenegro, Croácia (parte) e Bósnia (parte). O segundo é a base de todos os falares da Sérvia. A variedade *jekavski* acaba sendo adotada como norma literária supradialetal, embora até hoje os sérvios continuem empregando a variedade *ekavski*. As duas variedades do dialeto *štokavski* diferem entre si apenas em função da existência de alguns alomorfes, mas não apresentam qualquer outro traço distintivo fundamental. Karadžić reforma também o alfabeto cirílico, modernizando-o, limpando-o dos caracteres que, ao longo dos séculos, foram perdendo função, até transformá-lo num sistema de escrita fonético. O grande reformador do servo-croata publica gramáticas, dicionários, estudos etnográficos, notas de viagens e seu trabalho chega a influenciar, no presente século, a sistematização do macedônio literário.

É interessante notar que os primeiros testemunhos escritos em eslavão eclesiástico, em território iugoslavo, datam do século X e do começo do século XI, em alfabeto glagolítico⁽¹⁷⁾. A ascensão de sucessivos reinos sérvios, a oriente da atual Iugoslávia, a expansão do reino da dinastia dos Nemanja são fatores que ampliam bastante o raio de influência da recensão sérvia do eslavão eclesiástico, influência que duraria mais de século e meio depois do esfacelamento do império de Stefan Dušan (1389). O prestígio da recensão sérvia ultrapassa, inclusive, os limites da Península Balcânica, atingindo a Rússia⁽¹⁸⁾.

A produção de documentos em servo-croata não deixava de ser menor ou menos importante; entretanto, a invasão otomana e as difíceis relações entre ocupantes e ocupados conduziram à destruição de parcela expressiva dos manuscritos medievais, sobretudo correspondências, contratos, etc., que poderiam testemunhar a evolução da língua

11 "Szerbek Pest-Budán a múlt század első felében más népek társaságában", László Sziklay, in *Uzenet*, Subotica, Hét nap lapkiadó munkaszervezet, XVIII évfolyam, 10/11, 1987, pp. 660-64.

12 *Srpski narod i njegov jezik*, Pavle Ivić. Beograd, Srpska književna zadruga, 1986, p. 34 e ss.

13 Em linhas gerais, o eslavão eclesiástico é a língua codificada pelos irmãos Cirilo e Metódio (evangelizadores dos eslavos), no século IX, com o objetivo de verter as Escrituras para um idioma eslavão e realizar a conversão dos eslavos da Grande Morávia, a convite do príncipe Rostislav, ao cristianismo. Os monges bizantinos, originários de Salônica, ao que tudo indica, basearam-se exclusivamente nos falares dessa área para codificar o eslavão eclesiástico, que se tornou língua literária e litúrgica entre os eslavos ortodoxos. A despeito da longa polémica existente entre os eslavistas lingüistas, em geral, a respeito da origem macedônia do eslavão eclesiástico (a polémica foi iniciada pelo lingüista tcheco Pavel J. Dobrovský (1753-1829), considerado fundador da Eslavística), coube ao lingüista iugoslavo Vatroslav Jagić (1838-1923) provar, em caráter definitivo, que o eslavão eclesiástico era a sistematização de dialetos macedônios. Vide: *Istorija srpske cirilice*, Petar Djordjić, Paleografsko-filološki prilozi Drugo izdanje, Beograd, Zavod za udžbenike i nastavna sredstva, 1987, p. 19 e ss.

14 A questão da literatura redigida em língua popular nas regiões costeiras iugoslavas apresenta inúmeras complexidades, porque apenas parte dos textos era escrita no dialeto *čakavski* (hoje, em franco processo de regressão, face, inclusive, ao impacto dos meios eletrônicos de comunicação de massa). Outra parte dos textos acaba sendo escrita numa variante que combina elementos dos dialetos *štokavski* e *čakavski*, havendo, ainda, uma literatura redigida exclusivamente no dialeto *čakavski*. Com efeito, os três grandes grupos dialetais do servo-croata (*kajkavski*, *čakavski* e *štokavski*) refletem estados distintos de alteração tipológica das línguas eslavas, constituindo importante campo de investigações lingüísticas, na medida em que permitem reconstituir uma série de fenômenos paralelos e/ou similares ocorridos no processo de desenvolvimento do próprio servo-croata e de outros idiomas eslavos modernos. Para citar apenas alguns dos grandes autores renascentistas que escreveram em língua popular, podemos lembrar Marko Marulić (Marcus Marulus Spalatensis, nome adotado nos textos escritos em latim), Ivan Česmički (também conhecido como Janus Pannonius, autor que pode ser arrolado nas literaturas da Iugoslávia e da Hungria e que, ainda, redigiu obras em latim), Marin Držić, Mavro Vetranović Čavčić, Hrabal Lucić, Petar Hektorović, Petar Zoranić. A respeito deste período: *Povijest hrvatske renesansne književnosti*, Marín Franičević. Zagreb, Školska knjiga, 1983, passim.

15 Um trabalho exaustivo e interessante sobre o tema: *Kajkavski kontekst hrvatske književnosti*, Joža Skok. Zagreb, Čakovec: Zavod za znanost o književnosti Filozofskog fakulteta u Zagrebu, 1985.

16 *Istorija Jugoslavije. Treće izdanje*, Ivan Božić et alii. Beograd, Prosveta, 1973, p. 237 e ss.

17 De início, os irmãos Cirilo e Metódio adotaram um sistema de escrita denominado "glagolítico" (do eslavo comum *glagolu*, palavra), para grafar os fonemas do dialeto eslavo de Salônica e arredores. Isto ocorre em 863 d.C. Em Ohrid, à margem do lago do mesmo nome, na atual fronteira iugoslavo-albanesa, articula-se uma escola literária no século X, onde os discípulos de Kliment e Naum (estes, por seu turno, discípulos de Cirilo e Metódio) não somente passam a produzir cópias e traduções de textos religiosos, mas também obras originais, com as quais apenas os textos de Preslav – capital do reino búlgaro – podiam rivalizar. É curioso o fato de que os textos de Ohrid caracterizam-se pelos arcaísmos e os de Preslav, pelos neologismos. Ou seja: os primeiros conservaram a grafia das vogais nasais do eslavo eclesiástico; os últimos incluem as crescentes alterações da língua falada pelos eslavos de certas regiões da Bulgária da época. É o lingüista iugoslavo Blaže Koneski quem observa o paradoxo: uma língua apenas alçada a condições de idioma literário já possuía dois alfabetos, empregados quase simultaneamente. De um lado, o glagolítico, concebido como sistema de sinais próprios para grafar os fonemas das línguas eslavas; de outro, o cirílico, decalcado no alfabeto grego demótico. O cirílico, contudo, substitui o glagolítico, embora este tenha sobrevivido por longos séculos em algumas regiões da Croácia e até mesmo na Morávia. Há controvérsias a respeito dos motivos que teriam determinado o predomínio do cirílico. Assim, por exemplo, o lingüista búlgaro Emil Gueórguev assegura que a escola de Preslav, no século IX, teria sido fundada antes da expulsão dos discípulos de Cirilo e Metódio da Morávia. Segundo o raciocínio do autor, o cirílico teria sido concebido por estudiosos búlgaros, com base no alfabeto grego. Já o eslavista soviético G. Ilnski sustenta ponto de vista contrário, observando que o jovem estado búlgaro, cuja expressão se acentua no reinado de Simeon, não possuía quadros que não fossem ligados diretamente a Bizâncio, de modo que tal constatação anula a hipótese de o cirílico ter sido concebido antes do glagolítico. Enfim, tudo leva a crer que se trate de uma disputa política, em plena Idade Média, em que estavam envolvidos os jovens estados eslavos e a norma literária (o eslavo eclesiástico), além de Bizâncio. Torna-se necessário aduzir que os textos originais produzidos por Cirilo e Metódio, ou por seus discípulos imediatos, não foram conservados. Isto significa a existência de um interregno de, pelo menos, um século entre os primeiros textos redigidos em eslavo e os documentos mais antigos ainda hoje existentes. Logo, não se trata mais da mesma língua em que os evangelizadores dos eslavos redigiram os textos iniciais. Pavel Dobrovský defendeu, até o fim da vida, a tese de que Cirilo e Metódio já redigiram seus textos em cirílico. Outro lingüista tcheco, Pavel J. Šafárik (1795-1861) inclinava-se a considerar o glagolítico como sendo o primeiro sistema de escrita das línguas eslavas. Uma vez mais, o intervalo de tempo entre a redação dos primeiros textos e os documentos mais antigos conservados desempenha papel considerável. Basta lembrar que um manuscrito russo do século XI, atribuído ao padre Upír Lkhil, faz menção ao fato de Lkhil ter realizado transcrições de textos originais grafados em "cirílico". Mas o próprio

popular, passo a passo. Neste século, o bombardeio de Belgrado, em 6 de abril de 1941, destruiu fabuloso volume do acervo da Biblioteca Nacional, reduzindo ainda mais o *corpus* que ilustrava diferentes períodos de alteração do servo-croata. Em linhas gerais, como pode verificar-se, o confronto entre o eslavo eclesiástico e o servo-croata estava em curso, desde o século XII: de um lado, o primeiro idioma figurava como língua de status, norma literária (ainda assim, influenciada pela língua popular) e norma litúrgica; de outro, o servo-croata, cujo emprego literário estava desigualmente distribuído nas diversas regiões em que havia – e há – falantes deste idioma.

Em que pese o fato de o eslavo eclesiástico ter se transformado numa "língua cristalizada" (afinal, era uma forma lingüística do século IX), que vinha sendo utilizada como língua literária supranacional e supradialetal, praticamente tal e qual havia sido fixada pelos irmãos de Salônica, as diversas recensões apresentam claros reflexos do idioma falado nas épocas e regiões em que as redações dos textos medievais foram produzidas. Numa direção oposta, acabou ocorrendo a influência do eslavo eclesiástico sobre o servo-croata escrito. Nem poderia ser diferente, se considerarmos o fato de que a primeira tipografia começou a funcionar em território iugoslavo no ano de 1493, em Cetinje (Montenegro) e que, um século mais tarde, Božidar Vuković começava a publicar livros religiosos, impressos no idioma popular.

O fim do eslavo eclesiástico como idioma literário ocorre no século XVIII, nos territórios iugoslavos de língua servo-croata. Entretanto, todos os textos redigidos em eslavo eclesiástico refletem influência da língua popular, o que explica a existência de inúmeras formas dúplices no vocabulário do servo-croata moderno: de um lado, as que se desenvolveram com base no idioma literário e litúrgico; de outro, as que espelham a evolução do servo-croata. Ao lado da extensa literatura de caráter religioso, havia uma literatura em servo-croata: são as novelas de cavalaria, romances sobre Alexandre, o Grande, e a Guerra de Tróia, por exemplo.

Como vimos, no século XXIII aparece outra norma literária (artificial, porque não se trata tampouco de um idioma falado), o *slavenosrpski*, servo-croata com elementos da recensão russa do eslavo eclesiástico. As proximidades genética e tipológica das três línguas – eslavo eclesiástico, servo-croata e russo – e a possibilidade de intercomunicação em qualquer dos idiomas são os elementos que permitiram a emergência do *slavenosrpski*. E o motor principal da tentativa de construir o novo idioma literário é o esforço das populações sérvias, no sentido de manter suas tradições e costumes, diante do mundo predominantemente católico dos Habsburgos. Por este motivo, ainda hoje as duas subespécies do dialeto *štokavski* são empregadas indistintamente na literatura iugoslava; grande parte das obras do período de renascimento cultural foram produzidas em territórios ocupados pelo Império Austro-Húngaro (a própria Hungria e a Província Autônoma da Vojvodina) na variedade *ekavski* por escritores e intelectuais sérvios.

Problema similar ocorreu na Macedônia, na segunda metade do século passado, quando surgem duas correntes distintas no tocante à criação de uma língua literária macedônia: de um lado, estava o grupo de intelectuais e escritores que apregoava a necessidade de forjar um idioma "búlgaro-macedônio", intermediário, que representasse a média dos falares de ambas as línguas; de outro, o grupo que defendia uma língua literária exclusivamente macedônia, baseada na língua popular. Há evidentes diferenças entre a situação reinante nos territórios habitados por iugoslavos de língua servo-croata e macedônia: épocas e condições sócio-econômicas divergem. Na Macedônia, à expansão otomana crescente, no século XIX, somou-se a grega, que visava instalar o grego como idioma literário único e, ao mesmo tempo, objetivava desnacionalizar as massas macedônias, transformando-as em populações helênicas⁽¹⁹⁾.

Identicamente àquilo que ocorreu com o servo-croata e o esloveno, a língua macedônia formou-se a partir dos falares das tribos eslavas que, depois do desmembramento da suposta comunidade proto-eslava, penetraram na Península Balcânica; nesses novos territórios, o idioma dos eslavos da Macedônia conservou, por longo tempo, as características da língua proto-eslava, como testemunham os textos redigidos em eslavo eclesiástico. Sob influência do meio lingüístico balcânico, os falares da Macedônia sofrem radicais alterações de cunho tipológico (a exemplo do búlgaro). Entre outras mudanças, cabe notar a transformação do sistema sintético declinado em sistema analítico para expressar as relações antes indicadas pelas flexões nominais (esta alteração já pode ser detectada nos textos dos séculos XI e XII, redigidos em eslavo eclesiástico em território macedônio); o desenvolvimento de um artigo posposto; a duplicação dos objetos verbais; a estruturação de um sistema verbal perifrástico, marcado pela construção do futu-

ro com um verbo auxiliar (esta característica é extensiva ao esloveno, búlgaro e servo-croata). A nova estrutura começa a cristalizar-se no século XV, quando há claros indícios da constituição da tipologia atual do idioma.

O longo predomínio do eslavão eclesiástico como língua de status e norma literária somou-se a um fator externo não menos importante para a história do macedônio: a ocupação otomana dos Bálcãs. Sob circunstâncias extremamente difíceis, apenas os mosteiros medievais sobreviveram como centros produtores e difusores da cultura eslava medieval, de tal modo que o processo de desenvolvimento da língua popular acabou não sendo registrado *pari passu*. A tentativa de (re)construir a língua literária macedônia – estribada no idioma popular – esbarrava em dificuldades de toda sorte. Em muitas localidades da Macedônia Meridional, o grego acabou sendo imposto, no século XIX, como língua de cultura. Em outras áreas, o cirílico foi completamente esquecido e muitos macedônios começaram a grafar seu idioma com o alfabeto grego demótico. É importante notar que o primeiro escritor de língua eslovena é Primož Trubar (século XVI), mas a ocupação germânica da região e as condições sociais, políticas e culturais complexas, difíceis, impediram o florescimento de uma literatura eslovena antes do início do século passado. Como pode verificar-se, existe um paralelismo entre as situações em que o macedônio, o esloveno e o servo-croata se desenvolveram, a despeito de todas as diferenças circunstanciais.

Nos primeiros anos do século XIX, emerge uma literatura macedônia escrita em língua nacional, cujo objetivo era representar os falares populares. Assim, nos anos 50 e 60, convivem escritores que produzem textos em macedônio, empregando o alfabeto grego (Dimitar Miladinov, Grigor Prličev) e outros, que introduzem o macedônio popular com influência do eslavão eclesiástico, utilizando o alfabeto cirílico (Joakim Krčovski, Kiril Pejčinovič). Ao longo de vinte lustros – iniciados em 1880 – coexistem dois “estilos”: o “baixo”, que empregava o macedônio popular e o “elevado”, que ora se valia do eslavão eclesiástico, ora do grego.

É nos anos 50 e 60 do século passado que emerge a discussão relativa à construção da língua literária macedônia, que espelhasse a realidade cultural e lingüística, oportunidade em que surgem as correntes antagônicas mencionadas. Nos anos 90, os esforços para a criação do macedônio literário concentravam-se em torno da revista *Loza*, editada em Sófia (porque o governo otomano colocava sérias barreiras às atividades culturais dos macedônios, nas áreas ocupadas e os búlgaros incentivavam o nacionalismo macedônio, objetivando conquistar um território povoado por eslavos). Um dos principais fatos que os integrantes do corpo editorial sublinhavam era a circunstância de o macedônio não ser búlgaro, embora se lhe assemelhasse⁽²⁰⁾. Lembravam, ainda, que tampouco era servo-croata, a despeito dos traços comuns desses dois idiomas também. Malgrado todos os movimentos constituídos no sentido de afirmar o macedônio como língua literária, língua nacional e língua de cultura, os países vizinhos – interessados em apossar-se da área – reforçavam sua propaganda político-cultural na Macedônia⁽²¹⁾.

Em 1906, o escritor Krste Misirkov edita um livro intitulado *Za Makedoncite raboti* (Pela causa macedônia), em que descreve, em linhas gerais, as tarefas necessárias para a construção da língua literária dessa etnia iugoslava. Entre outros pontos, Misirkov observa que a língua popular deveria servir de embasamento para a norma literária, e sublinha que os falares da Macedônia Central precisariam servir de modelo à norma. Era a primeira sistematização séria que atentava para as características morfofonológicas e lexicais comuns aos dialetos macedônios e para o fato de que os da Macedônia Central eram supradialetais, inclusive quando contrapostos aos demais falares, espalhados pela Grécia, Bulgária, Sérvia e Albânia.

Esse longo e árduo processo consolida-se apenas depois de 1945, quando a República iugoslava concede direitos iguais a todos os grupos étnicos e lingüísticos, possibilitando e incentivando a produção cultural em todas as inúmeras línguas faladas no país

O longo predomínio do eslavão eclesiástico como língua de status e norma literária somou-se a um fator externo não menos importante para a história do macedônio: a ocupação otomana dos Bálcãs.

manuscrito continha palavras inteiras escritas em glagolítico, o que faz supor que o rótulo cirílico designava o glagolítico “e” o cirílico. De qualquer maneira, os textos mais antigos redigidos em eslavão eclesiástico e conservados até hoje originam-se da Morávia e são escritos em glagolítico. A análise lingüística mostra a presença maciça de arcaísmos, ausentes nos documentos cirílicos, ao menos em quantidade. A este respeito: “Jazikot na starata slovenska pismenost vo Makedonija”, Blaže Koneski, in *Jazični Temi*, Skopje, Mislja, 1981, p. 9 e ss; Petar Djordjić op. cit., passim; *Grammatika Tzirkóvno-slaviánskovo jazyká*, Alpli Gamanóvitich, Jordanville (N.J.), Printing Shop of St. Iov of Pochaev, 1964, passim; Trajko Stamatovski (org.) *Kliment Ohridski-studii*, Skopje, Odbor za odblazuvanje na 110 – godišnina na doaganjeto na Kliment vo Ohrid i formiranjeto na Ohridskata škola za slovenska kultura i pismenost, 1986, passim.

18 A pesquisadora soviética L.P. Jolkóvskaia sublinha que os estudos do lingüista russo A.I. Sobolióvski já apontavam um interessante divisor de águas nos manuscritos em eslavão eclesiástico, na Rússia: entre os séculos XIII e XIV, havia presença constante dos chamados russismos, isto é, elementos da língua falada no território russo; do século XV em diante, durante quase uma centúria, são mais frequentes os reflexos das recensões oriundas do território balcânico, de modo que parte dos manuscritos revela clara influência da recensão búlgara; outra parte, da recensão sérvia. Vide: “K voprosu o lúnoslaviánskom viliánii na rússkuu písmenosti”, L.P. Jolkóvskaia in *Istórija Rússkovo jazyká – issliédovania i tšestki*, V.G. Dlemiánov e V.F. Dubróvna (org.), Moskvá, Izd-vo Naúka, 1982, p. 277 e ss.

19 *Istoriia na makedonskiot jazik*, Blaže Koneski, Skopje, Kočo Racin, 1965, passim.

20 O macedônio e o búlgaro apresentam forte semelhança em suas estruturas lingüísticas básicas. Entretanto, é preciso observar que o búlgaro literário, codificado na segunda metade do século passado, tomou por base os dialetos da região nordeste do país, estrutural e geograficamente distantes do macedônio, ao passo que o macedônio literário foi estruturado com base nos dialetos da Macedônia Central (hoje, território iugoslavo). A este respeito, vide: “Padójni i analitični modóli v sistemata na s’vreménna b’lgarski ezik”, D. Stanichéva, in *B’lgarski ezik*, Organ na Instituta za B’lgarski ezik pri B’lgarskata Akadémia na Naúkite, Sófia, 1-2, 1968, passim; “Genealogičeska prímestvenost, viliánia i tipológichki s’otvístvija v rázvol na b’lgarski ezik”, I. Lekov, in *B’lgarski ezik*, 2-3: 113-120, 1968; “K’m b’lgarskoto dialéktno slovoobrazóvane”, St. Stóikov, in *B’lgarski ezik*, 4-5, 1968, passim. De outro lado, convém notar que, no início do século passado, Ióssif Bradát e Páisil Khilandárski deram início ao processo de fixação da norma literária búlgara; na metade do século Pentcho Slavéikov e Stólian Mikháilovski dão-lhe continuidade, mas a reforma definitiva – inclusive a ortográfica – ocorre somente em 1921, durante o governo Stambólski. Vide: *Úvod do studia slovanských jazyku*, Karel Horálek, Praha, Nakladatelství Československé Akademie Věd, 1962, p. 337 e ss.

21 Apenas à guisa de exemplo, lembra-

(exemplo disso é fato de que há pouco menos de quatro mil iugoslavos de língua materna italiana, na costa do Adriático, que têm à disposição o jornal *La Voce del Popolo*, impresso em italiano). Começa o trabalho de estabelecimento das balizas e dos fundamentos do novo idioma literário macedônio, à cuja testa estavam os lingüistas Blaže Koneski, Krum Tošev e Mihail Petruševski, da Faculdade de Filosofia de Skopje. Ironia histórica, ou não, aquele que foi o embasamento do primeiro idioma literário eslavo (os dialetos macedônios deram origem ao eslavo eclesiástico) acabou sendo considerado a “última” língua literária eslava...

**Ser minoria étnica na
Europa Centro-Ocidental
significou (e talvez ainda
continue representando)
ser desterrado em
seu próprio país, na
terra em que essas
minorias vivem há
gerações seguidas.**

Hoje, esloveno, macedônio e servo-croata convivem em condições de absoluta igualdade. A despeito de tratar-se de três idiomas distintos, as zonas de intersecção são muito grandes e as características tipológicas e o fundo lexical, próximos. De mais a mais, as zonas de transição entre os dialetos do esloveno e do servo-croata (a noroeste do país) e do servo-croata e do macedônio (a sudeste e sueste) espelham não somente uma situação lingüística singular, mas também representam, *per si*, importante campo de investigação lingüística nos eixos sincrônico, diacrônico e pancrônico, fornecendo contribuições valiosas para a reconstituição de diversas etapas da evolução do grupo eslavo, a nível morfofonológico e lexical. Como se pode depreender, são, tam-

bém, destacados casos de alteração tipológica. Apesar de sua importância, tais estudos não têm merecido no Brasil pesquisas mais aprofundadas, conforme o demonstra a literatura especializada, que é parca e está a exigir ampliação.

A DIMENSÃO TRÁGICA DO COTIDIANO

Não seria exagero afirmar que a dimensão trágica do cotidiano é constante em toda a Europa Centro-Ocidental, cuja história tem sido povoada e revisitada pelos espectros da guerra, deslocamentos forçados de populações, violentas tentativas de desnacionalização de minorias étnicas, processos de assimilação e conversão religiosa movidos a fio de espada, e outros tantos eventos que atentam contra a dignidade humana⁽²²⁾. Nos territórios iugoslavos não tem sido nada diferente, nos últimos mil e quinhentos anos. Mudam, eventualmente, os cenários, os protagonistas, os dominantes e os dominados; mudam, eventualmente, a nacionalidade das minorias, a religião das vítimas, as datas históricas.

O revés da medalha mostra-se bastante claro: a dimensão trágica do cotidiano impregnou a vida cultural das etnias que integram o mundo iugoslavo, de maneira permanente, seja nas artes plásticas, seja na literatura, seja em outras esferas. A singular condição de país situado em zonas fronteiriças – fronteira geográfica de potências em conflito e fronteira cultural de mundos – moldou essa dimensão trágica, gota a gota, reiteradamente.

Se o Grande Cisma representou, por exemplo, sob o aspecto formal, a divisão da Igreja cristã, em 1054, em oriental e ocidental, nos territórios iugoslavos o fato teve profundidade muito maior e consequências mais duradouras e dramáticas. Assim, separou os falantes de uma única e mesma língua, visto que o grande traço que permite distinguir montenegrinos, bósnios, sérvios e croatas é, exatamente, a religião. Na Bósnia, há um terceiro componente que agravou o quadro: séculos de dominação otomana incisiva levaram à conversão forçada (voluntária, poucas vezes) de massas de população eslava ao islamismo, de tal modo que falantes da mesma língua acabaram engradados em mundos culturais separados, antagônicos; separados e engradados pela fé, divididos, colocados frente a frente, ao sabor das lutas entre outros países e as diversas religiões envolvidas. Na Macedônia, ainda hoje existem minorias de eslavos islamizados há séculos (chamados de *torbeši*), que praticamente perderam a noção de sua origem eslava.

Dois eventos históricos podem ilustrar bem esses acontecimentos:

mos que a Romênia, levando em consideração a existência de comunidades arromenas em toda a Macedônia, intensifica sua atuação na área. Em 1865, Joan Rădulescu e Dimitrie Bolintineanu abrem escolas em território macedônio, objetivando propagar o romeno inclusive entre os macedônios. Vide: *Makedonski istorijske teme*, Lazar Mojsov, Beograd, Jugoslovenska stvarnost, 1979, passim.

22 O escritor tcheco Milan Kundera observa a este respeito: “A Europa Central, pátria de pequenos povos, possui sua própria visão de mundo, escaldada por uma desconfiança profunda, decorrente da história. A história, os ídolos de Hegel e Marx, a encarnação da razão, os que nos julgam e os que tomam decisões a nosso respeito são a história dos vencedores. Mas os povos da Europa Central não são vencedores”. “Zachód porwany albo tragedia Europy Środkowej”, Milan Kundera, in: *Zeszyty Literackie*, Paryż, 1984, 5: 25.

1) No começo do século passado, enquanto as populações do litoral da Dalmácia recebiam as tropas napoleônicas com flores, saudando-as como libertadoras, a poucos quilômetros tropas montenegrinas ajudavam o Exército Imperial russo a combater os franceses(!). Desde o século XII, a Croácia e a Dalmácia haviam sido incorporadas ao reino húngaro, de modo que a criação das Províncias Ilíricas – independentes dos mundos Habsburgos – representava evidente libertação deste jugo estrangeiro. Para os montenegrinos, por sua vez, toda a Baixa Idade Média e a Modernidade transcorreram sob o signo das guerras diuturnas contra os inimigos otomanos. O único e distante apoio era a Rússia Imperial, cujo poder de fogo florescia depois do reinado de Pedro, o Grande. Logo, os montenegrinos sentiam-se na obrigação de combater os inimigos de seus tradicionais aliados, inclusive quando os inimigos de seus aliados eram apoiados por seus próprios patrícios...

2) Durante a Primeira Guerra Mundial, as populações iugoslavas que viviam nos territórios ocupados pelo Império Austro-Húngaro foram convocadas a combater os exércitos da Sérvia e de Montenegro, em defesa do império moribundo que desejava manter e ampliar sua dominação na Europa Centro-Oriental. Por sinal, Tito, futuro presidente da Iugoslávia, lutou como soldado austro-húngaro, caiu prisioneiro russo, participou da Revolução de Outubro e sua trajetória restante é por demais conhecida, para ser reiterada neste espaço.

Os exemplos citados servem, também, para colocar a seguinte indagação: o que representa(ou) ser minoria étnica na Europa Centro-Oriental? Seguramente, não é o mesmo que ser minoria étnica num país formado por imigrantes, como as nações do Novo Mundo. Ser minoria étnica na Europa Centro-Oriental significou (e talvez ainda continue representando) ser desterrado em seu próprio país, na terra em que essas minorias vivem há gerações seguidas. Os grandes deslocamentos de populações levados a cabo pela imperatriz austríaca Maria Thereza, no século XVIII, tiveram como objetivo impedir que massas compactas de populações pudessem rebelar-se contra a coroa dos Habsburgos, nos territórios situados acima dos cursos dos rios Sava e Danúbio.

A literatura iugoslava espelha essa dimensão trágica, multifacetada, de séculos e séculos de lutas e confrontos internos e externos. Mas cabe lembrar que o problema das nacionalidades perpassa todas as letras da Europa Centro-Oriental, como afirma o crítico e historiador da literatura Miklós Szabolcsi: “Nas literaturas da Europa Centro-Oriental, a virada do século foi responsável pela primeira irrupção modernista: entre russos e tchecos, na última década do século passado; entre croatas e eslovenos, uma década depois; entre os eslovacos, nas duas primeiras metades do século XX, sob a forma particularizada de Ivan Krasko. O pretensão rompimento definitivo com as antigas escolas literárias nacionais, nessas literaturas, pode ser situado no período que mencionamos, face à formalização de um comportamento artístico moderno, cujo correlato é a aceitação dos problemas vinculados ao destino das nacionalidades e a projeção dos temores individuais sobre a própria nação(...). A essência histórico-nacional vincula-se a tudo; em primeiro plano, o novo enfoque para a questão da Eslavidade, da Hungaridade ou da Romenidade”⁽²³⁾.

Migrações forçadas foram realizadas por milhares de sérvios⁽²⁴⁾, rumo ao norte da Península Balcânica, atingindo o coração da Hungria e, até mesmo, as estepes ucranianas, por força do jugo otomano. O mesmo jugo que deslocou populações da costa adriática para a atual fronteira húngaro-iugoslava ou para o interior da Transilvânia. Na Macedônia ocupada pela Sublime Porta o processo de desnacionalização sempre esteve em curso contra os macedônios, que precisaram lutar mil e quinhentos anos, ou mais, para serem reconhecidos como entidade étnica, cultural, lingüística. A conversão da população húngara da Transilvânia (tradicionalmente luterana) ao catolicismo não foi um processo muito diferente⁽²⁵⁾. É evidente que essa dimensão esteja registrada nas letras.

Ivo Andrić (1892-1971), prêmio Nobel de Literatura, capta em seus textos a vida da Bósnia dominada pelos turcos. Seus contos e romances revelam a face oculta do terror, da desnacionalização, o problema da pluriétnicidade. Por exemplo, o conto “Bife Titanik” (O café Titanik) mostra, através do personagem Mento Papo – um judeu bosnaco sefardita – exatamente essa situação kafkiana: um judeu de origem levantina, mas com raízes ibéricas, transposto para o território balcânico, adaptado à vida dos eslavos – croatas(católicos) e sérvios(ortodoxos) que falam a mesma língua e têm os mesmos costumes e origens – submetidos ao domínio de um povo asiático (turcos) islamizado... O romance de Miroslav Krleža (1893-1981) *Povratak Filipa Latinovicza* (O retorno de

23 *Világ Irodalom a 20. században. Főbb áramlatok*, Miklós Szabolcsi. Budapest, Gondolat, 1987, pp. 38-9.

24 Esse é o motivo pelo qual diversas entidades culturais de importância vital acabaram sendo fundadas na cidade de Buda, a exemplo da *Matrica Srpska*, que começou a publicar livros em servo-croata a partir de 1826, em pleno coração da nação magiar.

25 Em 1670, a perseguição movida aos protestantes húngaros ateia fogo à Transilvânia, o “terceiro” estado húngaro (o primeiro era província otomana; o segundo, província austríaca...). Imre Thököly (1657-1707) lidera – anos mais tarde – um movimento rebelde chamado *kuruc*. Leopoldo I, da Áustria, reconhece Thököly como rei da Hungria, em 1682, um ano antes do início da guerra austro-turca, que envolveria o rei polonês Jan Sobieski e Veneza. Vide: *A fogó féltőlő árnyékában. A török kiűzése Magyarországról*, J.J. Varga. Budapest, Gondolat, 1986, passim.

Filip Latínovitch) ambienta problema muito semelhante na Croácia do final do século XIX, e indica através da multidão de personagens húngaros, austríacos, judeus, sérvios, croatas, etc. os conflitos interétnicos, culturais, políticos e a luta incessante pela afirmação de cada grupo. O escritor Vojislav Lubardić (nascido em 1930), cujo romance *Vaznesenje* (Ressurreição) foi considerado o melhor livro do ano, em 1989, retrata em suas obras o trágico período da Segunda Guerra Mundial, mostrando – como ele próprio afirma em sucessivas entrevistas – que o Bem e o Mal, muitas vezes, podem aparecer embaralhados aos olhos do espectador.

Das planícies da Polônia, através dos vales da Morávia, que inspiraram Smetana a compor o ciclo de poemas sinfônicos *Ma vlast* (Minha pátria), aos maciços montanhosos da Sar Planina, na Macedônia, a história tem sido testemunha das repetidas tentativas de transformar essa extensa área numa espécie de *No man's land*. É esta dimensão trágica que o poeta Vasko Popa (nascido em 1922) capta em diversos poemas, como, por exemplo, “Na aldeia dos ancestrais”: os ancestrais, o passado remoto, as lembranças de períodos soturnos, tragédias que se abateram sobre gerações inteiras. E tudo continua vivo, através de novas gerações; os ancestrais são personagens que se revestem de carne e osso; as tragédias vivem na memória coletiva; o passado revive no presente e o presente projeta-se no passado⁽²⁶⁾.

É ainda Miroslav Krleža quem resgata todo o período turbulento das revoltas camponesas da Europa Centro-Oriental do século XVI no livro de poesias *Balade Petrice Kerempuha* (As baladas de Pétritz Kerempukh), mostrando outra faceta da dimensão trágica do cotidiano: o problema não solucionado do campesinato (pelo menos até as vésperas da Segunda Guerra Mundial a situação mantinha-se igual em muitas áreas da Europa Oriental), os levantes, as guerras, as tragédias individuais e coletivas.

Já Ivan Goran Kovačić (1913-43), *partizan* assassinado pelos ocupantes, remete à visão do terror, do genocídio praticado em território iugoslavo durante a Segunda Guerra. Seu longo poema *Jama* (Fosso) é um evidente grito de dor e uma clara denúncia contra os atos desumanos que tiveram o conflito como palco. De certo modo, sua obra desmente a convicção de que a palavra poética torna-se impotente diante dos horrores, da barbárie e dos assassinatos em massa.

Não obstante a diversidade de correntes, tendências e escolas literárias predominantes, neste século, na literatura iugoslava, o

peso do passado histórico e a densidade dos problemas contemporâneos (muitas vezes, ou quase sempre, decorrentes desse mesmo passado histórico) perpassa muitas das obras. Isto pode ser verificado, inclusive, na chamada “nova prosa eslovena”, representada por autores nascidos depois da Segunda Guerra (Drago Jančar (1948), Branko Gradišnik, Emil Filipčič e Uroš Kalcich (1951) ou Vladimir Kovačić (1953)), que recorrem aos recursos do grotesco, do absurdo, mas “redescobrem” o vigor dos mitos eslavos tradicionais. Fenômeno similar pode ser apontado nos trabalhos do poeta e prosador de língua macedônia Slavko Janevski (1920), que sintetiza o “novo” e o “antigo”, isto é, não se volta apenas às correntes novas e tendências literárias modernas, mas deixa evidente o mergulho na história conturbada e trágica do país e do povo.

Danilo Kiš (1935-89), um dos mais expressivos romancistas iugoslavos contemporâneos, passeia pelos desvãos da história e mesmo quando parece estar escrevendo história, faz ficção, ou vice-versa. Sua própria definição resume a questão: “Não é preciso inventar, escrever ficção, numa realidade, numa parte do mundo em que a própria história parece ficção, em que os eventos estiveram revestidos pela capa da tragédia e do absurdo”. É exatamente isso que o escritor mostra, por exemplo, em *Grobница za Borisa*

ФІЛІПЪ ЛАТІНОВИЧЪ ПОКАЗАНІЕМЪ
БІГЪ БЛАГОУЗВОЛАНІИ СПАСІНІИ ТИ СЕО
Ю ЦРКВЪ, РАЗАНУНЫМЪ КНИГЪ МН
ВНІДІВЪ ЛІЗЕВЪ ХІБІ БЛАГО ВЪ ТРН
ЫН НЕМЪ ХРІСТІИ МН ПЕРЕКЛУБ
РН ОЕВЫКЪ ЦРКВЪ ПРАЗДНЫ СТЫ
КНИГЪ, ГРѢХЪ РАДНІИ ШИХЪ РАЗН
ШЕНІЕМЪ НРІЗДРАНІЕМЪ АГЛАНИСКИХЪ УЕДЪ. СЪЗРѢ
ВНОВАХЪ ПОСПѢШЕНІЕМЪ СЪГОДЪ. НА ЮБСВІЮ КЪ Ж
ТВНЫМЪ ЦРКВАМЪ. ННІПНІСІХЪ СІЮ ДШЕ ПІСНЮ КНИГЪ
МОГЛІСЬ КЪ. ВЪ НІСПЛАНІИ НІСАВІОСЛОВОЮ ТРІАМУНА
ОВІДІНІСТВЪ ПОКАЗАНІЕМЪ БОЖІИ СТВЪ. МЛІОЖЕ ЮНІ
НІСВЪЗРІСТНЫЕ НІСТАРІЕ, УБТОУЩІИ НАНВІ СПѢВЮЩІИ
НАНПІШУЩЕ ЛЮБВЕХЪ ТРАДІНІИ СПРАВАНТН. НА СЖЕ ОУС
ОДНІ ПОТЪ ШІВШІХЪ СЕНА СІЕ ДѢЛО БЛІСВАНТН. ДІАВОЛІ

Arquivo Aleksandar Jovanović

Fragmento do Evangelho de Miroslav Krleža, em eslavo eclesiástico

26 In: *Osso a osso*, Vasko Popa. Seleção, tradução e notas de Aleksandar Jovanović. São Paulo, co-edição Perspectiva/Edusp, 1989, p. 149.

Dadidoviča (Um túmulo para Bóris Dadífovitch), provável obra-prima do conjunto de seus livros.

Até mesmo autores como Milorad Pavić (1929) ou Dubravka Ugrešić (1949), que recorrem aos recursos do “realismo mágico” e buscam o jogo da construção/desconstrução da obra de arte literária, acabam realizando – em grau maior ou menor – um profundo mergulho na história trágica do país. Pavić mais do que Ugrešić tenta entretecer os intrincados fios que ligam o presente ao passado, tanto em *Hazarski rečnik* (Dicionário Kazar), quanto em *Predeo slikan čajem* (Paisagem pintada com chá). Ou a poetisa mais popular da Iugoslávia, Desanka Maksimović (1898), que presenciou as tragédias da Primeira e Segunda Guerras Mundiais, ao retratar os períodos sangrentos e trágicos da história contemporânea de sua pátria, em versos candentes.

E mais do que todos, Vasko Popa, em sua linguagem descarnada, com sua técnica minimalista, consegue captar e sintetizar algumas cenas da tragédia coletiva reiterada, como em *A torre das caveiras*:

“ Torre da morte
Nos ossos frontais tremeluz
Uma terrível lembrança

Das órbitas ocas
Fita até o fim do mundo
Um presságio negro

Entre maxilares roídos
Cravou-se extrema
E enorme maldição

Em torno da morte
Emparedados na torre
Crânios dançam
A última dança estrelada

Torre da morte
A castelã assusta-se
De si mesma”²⁷.

A BATALHA DE KOSOVO NA LITERATURA EM SERVO-CROATA

A batalha de *Kosovo Polje* (Campo dos Melros, em servo-croata) marcou as literaturas oral e escrita, de maneira incisiva. Realidade e mito acabaram entretecidos na épica oral, de tal maneira que personagens reais como Marko Kraljević (1331-95), filho do nobre sérvio Vukašin Mrnjavčević, Miloš Obilić, Vuk Branković, sobrinho do imperador sérvio Lazar, passam a conviver com entidades folclóricas, mitológicas e lendárias, tais como o cavalo malhado de Marko Kraljević – Sarac, que possui dotes muito similares ao mitológico Pégaso – e a fada Ravijojla.

A batalha, travada em 28 de junho de 1389, significou o fim do império construído pelos sérvios e foi um dos eventos históricos mais significativos e contundentes para a história do sudeste europeu (com reflexos profundos, duradouros e, até mesmo, trágicos em boa parte da Europa Centro-Oriental, durante séculos a fio), porque representou a penetração otomana no Velho Continente.

Naquele 28 de junho – dia de São Vito (Vidovdan) – enfrentaram-se tropas otomanas, comandadas pelo sultão Murat, e as tropas européias, tendo à frente o imperador da Sérvia, Lazar Hrebeljanović, e o rei da Bósnia, Tvrtko Kotromanović. Segundo fontes históricas, Lazar comandava tropas da Sérvia, Bósnia, Bulgária, Albânia, Hungria, Valáquia e Polónia. Kosovo Polje – uma planície localizada ao norte da cidade iugoslava de Priština (capital da Província Autônoma de Kosovo) – foi o palco da violenta batalha, que resultou na derrota dos soldados europeus. As versões históricas diferem, por vezes, a respeito do curso do combate, mas ficou evidenciado que o nobre sérvio Miloš Obilić (genro do imperador Lazar) penetrou no acampamento turco e assassinou o sultão Murat, numa prova de coragem que visava demonstrar sua fidelidade ao soberano sérvio.

27 In: Vasko Popa, op. cit., p. 155. A Torre das Caveiras existe na cidade iugoslava de Niš. Trata-se de um “monumento” erguido pelos otomanos: durante uma das centenas de rebeliões da população da Sérvia, os amotinados foram derrotados, decapitados e os crânios acabaram sendo emparedados na torre, para desestimular novos levantes. Mas os levantes se sucederam até a libertação do país...

As consequências da derrota de Kosovo foram imediatas: o esfacelamento do extenso império arquitetado por Stefan Dušan e a transformação dos estados medievais balcânicos em vassalos otomanos, um a um. No século seguinte, toda a península estava transformada em província da Sublime Porta. Durante cinco séculos, de maneiras distintas, os povos balcânicos e centro-europeus defrontaram-se com o poderio e o perigo turcos, defendendo seus territórios em lutas sangrentas que, inúmeras vezes, colocaram as vítimas da dominação em lados antagônicos.

Realidade histórica, mitos e personagens de rebeliões e insurreições levados a cabo nas diversas regiões iugoslava chegaram a impregnar, inclusive, a literatura escrita em servo-croata. Exemplo disso é o fato de Vuk Mandušić – líder da revolta eclodida em Kotor (sul do litoral adriático), falecido em 1648 – ter sido transformado em protagonista do longo poema épico *Gorski vijenac* (A guirlanda da montanha), de Petar II Petrović-Njegoš (1813-51), líder espiritual de Montenegro, príncipe local e um dos mais expressivos escritores iugoslavos do século XIX. Em 1835, Njegoš publica a *Slobodijada*, narrando, em versos, as lutas do século XVIII e começo do século XIX⁽²⁸⁾.

É curioso notar que na literatura oral (poemas épicos) em servo-croata há uma sobreposição das duas batalhas travadas em Kosovo Polje: a de 1389, que selou a sorte do sudeste europeu – e a de 1448, que teve como principal herói o nobre húngaro János Hunyadi (1387-1456), da Transilvânia, pai do rei húngaro Mátyás (reinou entre 1458 e 1490). Na tradição oral, Hunyadi aparece sob os nomes de Janko od Sibinja e Janko Sibinjanin. A tradição oral legou, ainda, heróis mitológicos, imaginários, fantásticos como os Jugovići: o pai, Bogdan, e seus nove filhos (Damjan, Mitar, Momir, Nenad, Nikola, Petar, Vojin e Stjepan). A temática referente à morte da mãe dos Jugovići aparece, freqüentes vezes, na tradição oral. O primeiro escritor a efetuar o registro desta balada popular foi Lukijan Mušicki (1777-1837). Anos mais tarde, Stojan Novaković (1842-1915), historiador e filólogo, editor da revista que serviu de plataforma aos românticos da Sérvia, *Vila*(Fada), reeditou a balada, com alterações⁽²⁹⁾. O poema consiste, basicamente, na oração da mãe dos Jugovići, que pede aos olhos do falcão e às asas do cisne que voem até o local da batalha de 1389 (Kosovo Polje), para encontrar seus nove filhos e o marido. A dor materna, ao receber a notícia da morte de todos, trespassa o poema todo. Em missão agourenta, os corvos lançam a mão decepada do filho Damjan nos braços da mãe enlutada.

O manuscrito de Erlangen, descoberto em 1913, na biblioteca da universidade dessa cidade alemã, contém 220 poemas épicos populares, em servo-croata. Provavelmente, foram coletados depois de 1717, segundo atestam os exegetas dos textos. A maior parte dos poemas refere-se à batalha de Kosovo Polje e aos heróis do confronto turco-sérvio. Um dos personagens dos poemas contidos no manuscrito – Damjan Sajnović – sempre acaba sendo associado a Djurdje Branković, nobre da família de Vuk Branković. Os Branković emergem na cena histórica nos anos 30 do século XIV e tornam-se vassalos turcos depois da batalha de 1389. Mais tarde, passam para o território húngaro e tornam a participar de inúmeras lutas contra os otomanos. Na literatura épica oral, Vuk Branković aparece como figura negativa, porque teria sido o autor de uma calúnia contra o cunhado Miloš Obilić⁽³⁰⁾ e, com milhares de cavaleiros vestidos em armaduras, teria passado para o lado dos turcos, no momento crucial do combate. Este episódio integra a épica de diversos povos balcânicos e chega a fazer parte da historiografia até que, na segunda metade do século passado, o equívoco acabasse desfeito: Vuk Branković não foi um traidor⁽³¹⁾.

Por outro lado, as *bugarštice* – poemas épicos populares, de 12 a 20 sílabas, com cesura na sétima ou oitava – constituem o testemunho mais antigo da poesia oral épica em servo-croata. A primeira *bugarštica* registrada data de 1497. Foi coletada pelo escritor italiano Ruggero de Pacienza, na localidade chamada Gioia del Colle. De Pacienza acompanha a rainha napolitana Isabel del Balco e redigiu tudo em servo-croata. Acredita-se que ele tenha ouvido (em algum lugar da Europa) o poema, recitado por iugoslavos que fugiram à perseguição otomana. Mas o herói desta balada popular é Hunyadi, o que significa a sobreposição das duas batalhas de Kosovo Polje. Cronologicamente posteriores são as duas *bugarštice* registradas pelo escritor da costa adriática Petar Hektorović, em 1555. Versam sobre Marko Kraljević e outros personagens da luta de 1389.

Marko Kraljević é, com segurança, a figura mais conhecida das tradições épicas registradas em servo-croata (e em outras línguas balcânicas). Os fatos históricos demonstram que, depois da batalha de 1371, às margens do rio Marica, Marko herdou um gran-

28 Os 2.819 versos de *Gorski vijenac* abarcam o período histórico que começa com a dinastia sérvia dos Nemanja (afinal de contas, os montenegrinos têm a mesma origem que os sérvios propriamente ditos) e chegam ao final do século XVIII. Njegoš consegue traçar uma verdadeira história do Montenegro – com tintas literárias, claro –, contrapondo o mundo islâmico ao mundo cristão. É importante notar que a obra de Njegoš acaba sendo publicada exatamente no período em que se discutiam as idéias de Vuk Karadžić sobre a reforma ortográfica do servo-croata e a respeito da criação de uma norma literária supradialetoal, comum a todos os falantes do idioma. O bispo ortodoxo, príncipe e poeta montenegrino, parece ter respondido, na prática, às duas questões fundamentais que se colocavam, em seu tempo, acerca do tema: a criação da norma literária, baseada na língua popular, e a redação de obras literárias nessa norma e com base, inclusive, na tradição literária oral. A este respeito, vide: *Istorija srpske književnosti*, Jovan Deretić, Beograd, Nolit, 1983, p.233 e ss.

29 *Narodna Književnost*, Radmila Pešić e Milošević-Djordjević Nada. Beograd, Vuk Karadžić, 1984, p.233 e ss.

30 O historiador austríaco Josef von Hammer Purgstall (1774-1856), em sua obra *Geschichte des osmanischen Reiches*, mostra, em dez volumes, as versões conflitantes das historiografias turca e sérvia a respeito da batalha. Contudo, uma coisa parece confirmada: na noite que antecedeu à batalha de 1389, as filhas do imperador Lazar – Vukosava (casada com Miloš Obilić) e Mara (casada com Vuk Branković) – teriam brigado, cada qual defendendo a coragem do marido. Resultado: uma liça entre Obilić e Branković, vencida pelo primeiro. Inconformado, Branković teria acusado Obilić de estar prestes a trair o imperador da Sérvia, aliando-se aos otomanos. No dia da batalha, Obilić entra no acampamento turco e assassina o sultão Murat, para provar sua inocência e fidelidade ao soberano e sogro. A tradição oral, contudo, passou a considerar Branković como traidor. Vide: *Slomrske Kneževine*, In: *Vidovdan (1389-1989) – NIN – Specijalni dodatak*, Beograd, 25/06/1989, p.10-11.

31 O romancista Milorad Pavić, em seu *Dicionário Kazar*, retoma o personagem histórico Djurdje Branković, que viveu na Transilvânia no século XVII, rebelou os sérvios dos territórios incorporados pelos Habsburgos e exigiu do Imperador Leopoldo I o título de “rei dos sérvios”, inutilmente. Este Branković morreria na prisão, depois de 21 anos de encarceramento. O personagem literário de Pavić, evidentemente, possui outras características. Mas é interessante verificar como realidade e imaginação cruzam-se no *Dicionário Kazar*, pontilhado de fatos relacionados à história dos Bálcãs.

de território situado na atual cidade de Prilep (Macedônia iugoslava). Morreu em 1395, numa batalha contra o príncipe Mircea, da Valáquia. Parece que durante certo tempo Marko foi vassalo turco. O papel desempenhado por este nobre sérvio nos fatos históricos não condiz com a grande popularidade, nem tampouco com os feitos que lhe são atribuídos nas baladas populares. Kraljević emerge nas baladas como justiceiro, defensor dos pobres e oprimidos que, segundo a crença popular, teria vivido três séculos. Seu cavalo malhado (Šarac) possui dotes sobrenaturais. As constantes rugas de Marko com a fada Ravijojla interpenetram quase todos os poemas épicos que falam de seus feitos lendários e sua força descomunal. Uma das demonstrações mais contundentes da carga mitológico-lendária refere-se à narrativa das relações de Kraljević com o sultão turco. Desrespeitando os feriados islâmicos, Marko é chamado à presença do soberano e, em vez de ser punido, acaba agraciado com ducados de ouro, porque o sultão temia a força sobrenatural (sic) de Kraljević.

Poetas da Baixa Idade Média, na Sérvia, como Andonije Rafail Epaktir (nascido, provavelmente, em 1419) ou o cronista de Smederevo (metade do século XV) dedicam poemas ao imperador Lazar e ao déspota Djurdje Branković, num reflexo evidente dos acontecimentos de Kosovo Polje. Dimitrije Kantakuzin (segunda metade do século XV) transcreve um poema popular intitulado “Marko Kraljević e o falcão”.

Neste século, Vasko Popa retrabalha, sob forma e enfoque renovados, toda a longa tradição das literaturas oral e escrita do servo-croata. Popa retoma as relações entre história e lenda, história e mito e, na linguagem seca, contida, que o caracteriza, com sua técnica inconfundível, traça um roteiro poético da grande batalha e de outros eventos históricos no livro *Terra ereta* (Uspravna Zemlja, 1972).

Vale lembrar que Marko Marulić (1450-1524), um significativo latinista da costa adriática, escreve, em 1501, em língua popular, a obra *Judita*, baseada no episódio bíblico relacionado a Judite. Publicada em 1521, *Judita* permite subentender o paralelismo estabelecido pelo autor entre a situação do povo de Israel – cativo – e o cativo dos povos balcânicos. No século XVI, Petar Zoranić (1508-69) compõe um romance pastoral, intitulado *Planina* (1536) em que, a exemplo de Marulić, faz menção ao perigo que ronda as terras iugoslavas devido à ocupação turca. Cabe, no entanto, a Ivan Gundulić (1589-1638) – uma das mais expressivas figuras do Barroco, na Croácia – traçar um grande painel sobre a dominação otomana, com a obra *Osman*.

Em seus 20 cantos, predomina o elogio à liberdade – vigente no mundo cristão –, contraposto ao reino de terror imposto pela Sublime Porta. Gundulić já se mostrava um defensor evidente da tese pan-eslavista. Seus octossílabos representam uma clara continuidade da tradição literária popular, sobretudo porque Gundulić mescla na obra variedades dialetais *štokavski* e *čakavski*.

No século passado, Ivan Mažuranić (1814-90), figura que representa uma espécie de síntese de todo o Ilirismo, redige uma “complementação” ao poema *Osman*, de Gundulić, reconstituindo-lhe a língua e o estilo. E publica, ele próprio, em 1845, o poema *Smrt Smail-age Čengića*, em cinco cantos, que relatam um fato histórico ocorrido cinco anos antes: o confronto armado entre o comandante turco Smail-aga e as tropas montenegrinas, vencedoras. É interessante notar, à margem, que o ideal romântico das individualidades rebeldes, sentimentais, fortes e que se destacavam em seu meio, não possui correspondência nas obras produzidas sob o impacto do Ilirismo, porquanto este movimento fazia a idealização do coletivo.

A derrota de Kosovo Polje permitiu a expansão otomana na Península Balcânica e

Arquivo Aleksandar Jovanović

Ivan Gundulić

permitiu o avanço turco rumo à Europa Central, como indicamos anteriormente. A migração numerosa que os sérvios iniciam em 1690, rumo à Hungria e Ucrânia, acaba sendo decorrência da batalha de 1389. O escritor Miloš Crnjanski (1893-1977) fixou no romance *Seobe* (Migrações, 1962) a diáspora dos sérvios, com tintas fortes, numa interessante variação do realismo moderno voltado para a história. Como podemos verificar, o tema de Kosovo é o mais freqüente de toda a literatura iugoslava escrita em servo-croata e constitui uma das linhas-mestras das baladas populares medievais, que se mantiveram intactas até o começo do século XIX em diversas áreas da Hercegovina e da Sérvia, ou na própria costa adriática.

OS ESPELHOS DA HISTÓRIA EM KOSOVO

Seis séculos depois da grande batalha que selou a sorte do império de Stefan Dušan e da Europa Central e balcânica frente aos turcos, a província iugoslava de Kosovo vive momentos de extrema agitação devido ao confronto da população de etnia albanesa com sérvios e montenegrinos. Desde que os eslavos se estabeleceram nos Bálcãs, Kosovo

Os sucessivos levantes sérvios contra os otomanos facilitaram a penetração albanesa em Kosovo. A Sublime Porta demonstra o interesse em fortalecer o cinturão de população muçulmana em torno dos eslavos amotinados, como forma de isolar macedônios, montenegrinos e sérvios.

sempre pertenceu à Sérvia e chegou a ser o centro do reino da Sérvia. Mas séculos de presença otomana nos Bálcãs alteraram, profundamente, a composição étnica da área.

Na Antigüidade, a Península Balcânica era habitada por diversos povos: ilírios, dárdanos, dasaretas, pirustos. Segundo fontes históricas³², os ilírios eram muito diferentes do povo conhecido sob o nome de dardano, pois este era vinculado ao substrato populacional (e, talvez, lingüístico) dacomésio das regiões do Danúbio. O processo de romanização das populações litorâneas do Adriático oriental foi bastante incisivo. Na região conhecida como Dardânia (centro da Península), os habitantes autóctones eram os ilírios, trácios e os dárdanos, *proprie dicte*. Há quem admita que os frígios – que se deslocaram, mais tarde, para a Ásia

Menor – tivessem habitado aquelas paragens, em certo período da Antigüidade.

A historiografia bizantina começa a mencionar os albaneses apenas entre os séculos XI e XII. Fontes bizantinas registram uma diáspora albanesa em direção da Tessália, Épiro, Etólia e Peloponeso, nos séculos XIV e XV. Esses dados parecem evidenciar que se tratava de um povo nômade, que mudava de pastagens nas diversas estações do ano. Os registros históricos mais pormenorizados a respeito dos albaneses são esparsos durante a Idade Média e os primeiros testemunhos escritos nessa língua datam do século XV somente. Tudo indica, no entanto, que os albaneses surjam como nova formação étnica entre os séculos XI e XII de nossa era, compostos por populações paleobalcânicas que, ao contrário dos valáquios e arromenos, resistiram à romanização.

Identicamente, é difícil reconstituir a composição étnica de Kosovo durante a Idade Média, porque inexistem documentos sobre as tribos eslavas que ali se estabeleceram. Mas é evidente que toda a área foi eslavizada, juntamente com extensas regiões da Grécia, fato comprovado pelos topônimos. Os dárdanos romanizados teriam recuado frente ao avanço eslavo para as regiões litorâneas, fundindo-se, mais tarde, às populações eslavas. No século IX, o estado sérvio ocupava parte expressiva de Kosovo. Apenas entre 924 e 928 o rei búlgaro Simeon domina a região. Em 1018, o efêmero estado macedônio, conduzido por Samuil, é desmantelado por Bizâncio, de modo que o Império Romano do Oriente ocupa parte de Kosovo por 150 anos. No século XI, a sede do estado sérvio ficava em Duklja (aproximadamente, Montenegro atual). No século seguinte, o centro da Sérvia desloca-se para a cidade de Ras, mais para leste.

Durante a Idade Média, os castelos dos reis sérvios foram instalados em Kosovo (Štimlja, Pauni, Svrčin, Nerodimlja). No século XII, Stefan Nemanja expulsa os bizantinos para além da cadeia de montanhas denominada Šar-planina, na Macedônia e, paulatinamente, Prizren e Priština (hoje, capital da província de Kosovo) tornam-se sedes

32 Garašanin, Milutin – *Albanci i Ilirci*, Beograd, Srpska akademija nauka i umetnosti, 1988, passim.

do reino sérvio. A partir do século XII, os monarcas sérvios doam terras à Igreja Ortodoxa para a construção de mosteiros e grandes igrejas (Studenica, Gradec, Gračanica, Dečani, Bogorodica, Ljeviška, etc.) em Kosovo. Esta é a razão por que uma parte de Kosovo passa a ser chamada de Metohija (do grego *metoh*, possessão eclesiástica).

Nos séculos XIII e XIV, o rei sérvio Milutin (que governou de 1283 a 1321) estende seus domínios até a Albânia. No século XIV, Prizren torna-se o centro do reino sérvio, inclusive sob o ponto de vista econômico (com minas de ouro e prata e grande produção de seda). O imperador Stefan Dušan amplia as possessões, torna-se imperador de “gregos e sérvios”, e ocupa a maior parte dos Bálcãs. Seu filho, Uroš (que governou de 1355 a 1371), também consegue manter boa parte de Kosovo no interior de seu estado.

A batalha de 1371, entre sérvios e turcos, à margem do rio Marica, altera a situação: as famílias Altomanović e Balšić – cujas possessões situavam-se fora de Kosovo – apossam-se da região. Um pouco mais tarde, o imperador sérvio Lazar Hrebeljanović e seu genro Vuk Branković dividem a região entre si. Com a derrota de 1389, Vuk Branković consegue manter o domínio de Kosovo, mesmo depois de transformar-se em vassalo do sultão Baiazit, filho de Murat I. Kosovo torna-se província otomana somente em 1455, após muitas disputas entre os descendentes de Lazar e Vuk Branković⁽³³⁾.

Segundo fontes históricas, Kosovo conserva-se eslavo e ortodoxo até o final do século XVII e começo do século XVIII. A guerra austro-turca, no final do século XVII, desencadeia duas grandes ondas de migração de sérvios rumo ao norte dos Bálcãs (a primeira, em 1690; a segunda, em 1737), devido às represálias das tropas turcas e tártaras pelo fato de os sérvios terem combatido ao lado dos austríacos. O marechal Veterani, comandante das forças austríacas na região, comunica em 1689 que a maior migração de sérvios originava-se exatamente de Kosovo⁽³⁴⁾. Mais tarde, as áreas abandonadas são reocupadas por sérvios. Entretanto, ocorre uma migração albanesa, oriunda do litoral. Essas ondas migratórias serão ininterruptas, até os anos 40 do século passado. Não eram, contudo, compactas, porque havia albaneses que se converteram ao Islã e outros, ainda católicos.

Os sucessivos levantes sérvios contra os otomanos facilitaram a penetração albanesa em Kosovo. A Sublime Porta demonstra claro interesse em fortalecer o cinturão de população muçulmana em torno dos eslavos amotinados, como fórmula para isolar macedônios, montenegrinos e sérvios. Depois que a Sérvia reconquistou sua autonomia (1815), as populações albanesas começam a abandonar as áreas que voltam ao controle sérvio e os fugitivos (*muhadžiri*) passam a ocupar extensas faixas territoriais em Kosovo. Nos anos 70 do século passado, os proprietários de terras turcos reforçam a instalação de habitantes muçulmanos (albaneses, no caso), com o objetivo de tentar conservar seus latifúndios. O mesmo processo de ocupação albanesa de Kosovo prossegue antes e depois da Primeira Guerra Mundial⁽³⁵⁾.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Kosovo é ocupado pela Itália, a exemplo do que acontece com Montenegro. As tropas de Mussolini incentivam o terror contra as populações não-albanesas, promovido pelos *balisti*, nacionalistas albaneses desejosos de anexar boa parte da Iugoslávia à Albânia. Convém notar, à margem, que, em 1914, um nobre alemão (Wilhelm zu Wied) é indicado para o trono albanês; Zu Wied resiste pouco tempo no trono. Sucede-se um período de grandes turbulências no país, com diversos governos de curtíssima duração, até que Ahmed-beg Zogu toma o governo, em 1922. De início, a dinastia dos Karadjordjevići sustenta o governo de Zogu, mas à medida em que o novo rei albanês se aproxima da Itália (sobretudo depois da ascensão de Mussolini), e começa a reivindicar a anexação de territórios iugoslavos, as relações entre os dois países se agravam profundamente (chega a haver até um rompimento diplomático). Os eventos da Segunda Guerra Mundial – as violências registradas contra a população não-albanesa de Kosovo – representam apenas um capítulo seguinte ao agravamento das relações iugo-albanesas no entre-guerras.

Finda a Segunda Guerra Mundial, o novo governo iugoslavo começa a prestar auxílio técnico e financeiro ao governo de Enver Hoxha, que liderou a guerrilha antifascista em território albanês. Entretanto, o rompimento da Iugoslávia de Tito com Stalin, em 1948, coloca os albaneses numa posição diametralmente oposta aos iugoslavos. Fracasada a tentativa de formar uma confederação de países balcânicos (os planos foram discutidos por Stalin, pessoalmente, a partir de 1943), os albaneses passam a insistir, nos anos 50, sobre a necessidade de anexar todas as regiões iugoslavas habitadas por populações de etnia albanesa.

A explosão demográfica verificada em Kosovo – em parte, pela migração de popula-

33 “Kolevka Srbije”, Sima Cirković, in: Ranko Pečković (ed.) *Kosovo – prošlost i sadašnjost*, Beograd, Međunarodna politika, 1989, p.19 e ss.

34 “Etnički procesi na Kosovu u vreme turske vladavine”, Atanasije Urošević, in: Ranko Pečković (ed.) op.cit., p. 39 e ss.

35 Em 1878, às vésperas do Congresso de Berlim, forma-se a chamada Liga de Prizren, cujo objetivo era garantir aos albaneses a obtenção de um Estado próprio depois do retalhamento do Império Otomano. A definição das fronteiras greco-turcas desencadeia movimento semelhante no Épiro. São os albaneses católicos os iniciadores do movimento autonomista, tendo como ideólogo Zef Jubani. Mas Abdul-beg Frashëri, líder da Liga de Prizren (cidade ainda hoje situada na província de Kosovo) tenta obter do Império Austro-Húngaro garantias para que os albaneses recebessem uma província autônoma no interior da Sublime Porta. Os albaneses católicos – que depois fogem para o sul da Itália, estabelecendo-se em diversas cidades – desejavam conquistar sua autonomia com apoio do Montenegro e admitiam, até mesmo, uma união formal com os gregos. Os muçulmanos, por seu turno, pareciam movidos sobretudo pela identidade religiosa com os turcos. Basta lembrar que o Império Otomano permitia a posse da terra exclusivamente aos adeptos do Islã e os líderes autonomistas albaneses muçulmanos pertenciam à classe dos latifundiários. Entre 1878 e 1880, já se verificam conflitos entre albaneses e seus vizinhos eslavos (montenegrinos e sérvios). A Sublime Porta ilquida a Liga de Prizren, em 1880. Nos anos 90, Haxhi Zeka lidera o novo movimento autonomista albanês em Kosovo; seus homens destacam-se na guerra greco-turca (1897), lutando ao lado dos otomanos. Entre 1877 e 1912, mais de 150 mil sérvios abandonam Kosovo, devido às hostilidades provocadas pela população albanesa. Convém, no entanto, notar que entre 1897 e 1903 os albaneses católicos também são expulsos da área. A revolução dos Jovens Turcos (1908) coloca albaneses e turcos em lados opostos. Os otomanos sufocam todos os movimentos de irredentismo. Com a primeira Guerra Balcânica (1912), a Albânia proclama sua independência, sem romper com Constantinopla. Durante a segunda Guerra Balcânica (1913), os albaneses atacam a Sérvia, com auxílio búlgaro e austríaco. O governo provisório da Albânia exige a anexação de Kosovo e de toda a Macedônia Ocidental, na esperança de ver suas fronteiras dilatadas até a divisa com a Bulgária e a Turquia europeia. Vide: “Odnosi na Balkanu i stvaranje albanske države”, Živko Avramovski, in: Pečković (ed.) op. cit., p. 61 e ss.

ção originária da Albânia, durante a Segunda Guerra Mundial, e, de outro lado, devido ao fato de a maior parte das famílias albanesas de Kosovo serem compostas por mais de seis ou sete filho – transformou a região num pomo de discórdia em que a população eslava tornou-se minoria. A disputa não está apenas relacionada às reivindicações no sentido de anexar Kosovo à Albânia, mas também (ou sobretudo) às perseguições movidas contra sérvios e montenegrinos. Apenas na última década, mais de 100 mil sérvios e montenegrinos tiveram de abandonar Kosovo, em consequência das violências físicas praticadas contra eles por grupos albaneses.

Seis séculos depois da batalha de Kosovo Polje, a Iugoslávia torna a colher frutos amargos na mesma região em que os otomanos iniciaram a conquista do sudeste europeu. É preciso notar, no entanto, que a população de etnia albanesa tem seus direitos assegurados dentro da república iugoslava (direito à alfabetização em língua materna, veículos de comunicação de massa, teatro e cursos superiores em albanês, etc.). Apesar disso, a complexa e trágica história dos Bálcãs continua emitindo reflexo no jogo de espelhos em que Kosovo é o epicentro da crise. Como se pode verificar, persistem intensas zonas de litígio no sudeste europeu: Kosovo, disputado aos sérvios pelos albaneses; a Transilvânia, em que os húngaros têm sido impedidos de expressar sua cultura e língua; a população turca (quase 1,5 milhão de pessoas) da Bulgária perseguida por Jivkov; as Macedônias grega e búlgara, onde os macedônios não são reconhecidos como etnia eslava à parte, e 2,5 milhões de ciganos, na Romênia, que foram maltratados pelo regime do *conducator* Ceausescu.

País pluriétnico e plurilingüístico, a Iugoslávia concedeu direitos iguais a todas as minorias étnicas, no sentido de permitir que manifestassem sua cultura, língua, religião. E a despeito de possuir quase uma dezena e meia de minorias étnicas diversas, não têm havido problema com húngaros, romenos, eslovacos, italianos, búlgaros, etc. Mas tudo indica que o entendimento em Kosovo, e a respeito de Kosovo, represente um sério desafio para todas as repúblicas que compõem a federação iugoslava, sobretudo nestes tempos novos que sopram na Europa Centro-Oriental. Hoje, os iugoslavos de etnia albanesa representam mais de 8% da população; possuem a mais alta taxa demográfica da Europa; são um terço da população de Skopje (600 mil habitantes, capital da Macedônia) e vêm ocupando, inclusive, algumas áreas da Istra, no litoral croata. Parece que o fato de Kosovo ser um mito (mito negativo, quem sabe?) na história iugoslava não é mera coincidência. Afinal seis séculos depois da batalha de 1389, os espelhos da história projetam imagens semelhantes, de violência e discórdia, dentro de um novo contexto em que todos os problemas étnicos mostravam-se resolvidos.

PROXIMUS SUM EGOMET MIHI

É muito provável que, a título de conclusão, seja possível aplicar a máxima de Terêncio ao caso iugoslavo: o grande mosaico populacional, lingüístico e, portanto, cultural, possui poucas semelhanças com as áreas vizinhas da Europa Centro-Oriental, embora tenha um dos pés fincado no Ocidente e o outro, no Oriente. Há imititudes evidentes, por exemplo, com a eclosão do modernismo (não discutamos a precária extensão semântica do termo, neste espaço!) nos países vizinhos: foram o Realismo e o Simbolismo tardios os desencadeadores de uma pluralidade de estilos e correntes no presente século na literatura iugoslava. Há similaridades culturais com o mundo eslavo restante e com a realidade cultural centro-européia e bizantina.

Ainda assim, trata-se de outra realidade em que a reificação do(s) mito(s) e a mitificação do real perpassam história, cultura, relações interétnicas e interculturais. O exemplo de Kosovo ilustra, *ad nauseam*, esse fato. Ainda assim, no palco europeu nenhum país possui tão complexas relações entre etnias que falam a mesma língua, mas foram separadas pelos fios trágicos da história e, hoje, são tão diversos em sua similitude, ou tão semelhantes em sua diversidade. De outro lado, a multiplicidade de eixos em torno dos quais girou (e continua girando) a vida cultural dos territórios iugoslavos vincula o país, aqui e ali, aos povos e culturas vizinhos, numa síntese original. Síntese e sincretismo que aproximam não somente os eslavos, mas as demais etnias que têm mantido constante e ininterrupta intersecção com o mundo cultural iugoslavo. Em suma: história e cultura iugoslavas representam uma pequena condensação da história dos próprios Bálcãs e do centro europeu.